

“Pai, onde estás?”

A ferida da ausência paterna e sua projeção na sociedade

Por Carlos Colect

A figura paterna, em sua função simbólica, é estruturante. Freud apontou que a função do pai não é apenas biológica ou educativa, mas simbólica: ele representa a Lei, o limite, o terceiro que separa o filho da fusão inicial com a mãe e o insere no mundo da cultura, da linguagem, da alteridade. Quando essa figura se ausenta ou se apresenta de forma violenta, agressiva ou desestruturada, o psiquismo infantil sofre uma ruptura profunda.

A palavra autoridade vem do latim *auctoritas*, que, por sua vez, deriva de *augere*, “fazer crescer”. A autoridade paterna, portanto, deveria ser aquela que, simbolicamente, faz crescer, amadurecer, orientar para a vida. Mas quando o pai é fonte de medo, dor ou abandono, sua imagem é associada não ao crescimento, mas à ameaça.

O que se instaura, então, é uma ferida narcísica primária, um ressentimento não elaborado, muitas vezes recalcado, mas que encontra vias de expressão pela transferência — conceito psicanalítico central para Freud e Laplanche. A energia afetiva originalmente dirigida ao pai é deslocada para figuras de autoridade social: professores, patrões, policiais, líderes, instituições. Esses ocupam, no inconsciente, o lugar do pai e se tornam alvo da revolta, do desafio ou da submissão extrema.

Não por acaso, muitos jovens marginalizados ou encarcerados exaltam a mãe em suas tatuagens e narrativas, enquanto a figura paterna permanece ausente ou odiada. A mãe é vista como o refúgio, o afeto, mesmo que, em muitos casos, tenha sido ambivalente. Já o pai, ou foi o algoz, ou simplesmente não existiu como presença psíquica. O resultado? Uma identidade vacilante, sem âncora.

A crise de identidade se manifesta também no corpo. O corpo próprio, que deveria ser habitado com dignidade e inteireza, torna-se um lugar de dor e castigo. A automutilação, os excessos, os vícios e a entrega a comportamentos autodestrutivos surgem como expressão do grito reprimido: “Pai, onde estás?”. Fere-se o corpo como se dissesse: “Este corpo não é meu, é teu. Olha o que fizeste comigo”. Em termos teológicos, é como repetir o clamor de Jesus na cruz: “Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?” (Mt 27:46). Um grito de abandono, de ausência do Pai.

Esse movimento, muitas vezes inconsciente, pode culminar numa agressão à própria sociedade. Aquele que foi ferido em sua origem, cuja masculinidade ou humanidade foi negada ou violentada, devolve à sociedade a violência internalizada. Agredir o outro torna-se, simbolicamente,

agredir o pai ausente. Praticar o mal, infringir leis, destruir o que é socialmente válido é, para esse sujeito ferido, uma forma de revidar: “Olha o que você fez de mim, agora eu destruo aquilo que você representa”.

O filósofo Paul Ricoeur nos lembra que o ressentimento é “a memória congelada de uma injustiça não reparada”. E a teologia cristã oferece uma imagem redentora: Deus Pai, que no batismo de Jesus, declara “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3:17), representa o modelo da paternidade afirmadora, amorosa e autorizadora. Onde faltou esse reconhecimento, muitas almas vagam buscando no mundo um eco daquele afeto negado.

Portanto, a ausência ou distorção da função paterna não é apenas um drama familiar: é uma ferida social. Onde falta pai, falta Lei. Onde falta Lei, sobra dor e desorientação. Precisamos restaurar não apenas a presença masculina nos lares, mas, sobretudo, a função simbólica do pai – aquele que diz “não” com amor, que oferece direção com firmeza, que representa o mundo com segurança. Sem isso, teremos filhos desamparados tentando, a todo custo, ofender um pai que nunca os reconheceu.

Referências

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François, Luís Marcos Muller. Campinas: UNICAMP, 2007.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.